

Qualidade de Morte¹

Padre Henrique Saraiva Leão

Talvez não seja tempo apropriado para um ano novo, embora todo novo ano traga, e tenha, falas e mitos em qualidade de vida como se não fosse a morte a única certeza nesta tragicômica vida humana.

Padre Mário de S. Lemos e a morte (Lisboa, 1970) da Figueira de La Rubiana, José (1973 - 1980), autor de "Morte" (1973) "Não é só a morte que se pode olhar de frente". Atualmente a morte se apresenta, existindo mesmo uma "tanatologia", "tanatopsia", da greco, através, em seus cuidados paliativos há 100 anos, de pessoas que se é laudável. Prática-se, contudo, uma "tanatologia" e há, estas modernas catedráticas e científicas.

Atualmente, esse assunto aqui em 25/6/2007 ("O direito de morrer"), 13/10/2010 ("Agora é hora de deixar morrer") e 13/10/2010 ("

6ª PARTE

TRANSCRIÇÕES

Quando surgiu o conceito de autodeterminação do indivíduo em relação à saúde e à recusa de medidas médicas - a chamada "obstinação terapêutica" - de

Desde 13/3/1999 está vigorando a Lei 10.241, Lei Mário Covas, e no seu artigo 2º, § 3º, como direito do paciente terminal recusar técnicas de intervenção extraordinárias para prolongar-lhe a vida. E, sabidamente, em novembro de 2007, o Conselho Federal de Medicina já aprovou a suspensão de procedimentos de morte em enfermos incuráveis. Tal é a chamada "eutanásia passiva", desejo exposto, inequívoco do doente ou de seu familiar, suspender-se-lhe o tratamento, por não mais

1 - O livro, Lisboa, 1970, da Figueira de La Rubiana, José (1973 - 1980), autor de "Morte" (1973) "Não é só a morte que se pode olhar de frente". Atualmente a morte se apresenta, existindo mesmo uma "tanatologia", "tanatopsia", da greco, através, em seus cuidados paliativos há 100 anos, de pessoas que se é laudável. Prática-se, contudo, uma "tanatologia" e há, estas modernas catedráticas e científicas.

Negócio da China: Prêmio Horácio Dídimo de Poesia Chinesa⁴¹

*Eduardo Jorge*⁴²

Confesso que quando recebi um telefonema informando que eu tinha sido o vencedor do Prêmio Horácio Dídimo de Poesia Chinesa fiquei surpreso. Prêmio é assim, uma surpresa. Depois vem a alegria. No entanto, sabe-se que prêmio é uma espécie de roda da fortuna. O azar é um dançarino, já dizia o poeta. Admiro os que têm confiança desde o primeiro instante e somada a esta confiança, uma extrema facilidade em se afirmar em público. Quando alguém, por acaso, sabia que eu tinha um poema inscrito no Prêmio e me perguntava algo, eu gaguejava até desconversar. Afinal, eu tinha minhas dúvidas quanto ao poema enviado.

Para resumir, digo que o poema tinha uma dicção mais próxima de Wang Wei que Li Po, este possivelmente mais canônico na Dinastia T'ang que o primeiro. Outro aspecto formal: o tema destoava, pois tratei, em caracteres chineses, de uma paisagem japonesa. Para alguns, isso dá no mesmo, mas o poema precisava manter essa tensão, a sua justificativa é manter esse jogo. Antes de concluir este breve resumo sobre o poema, reproduzo o que já ouvi. Embora já um pouco caduco, dizem que as estratégias para dominar o mundo estão em mandarim. O mandarim tem um movimento rápido de cardumes. Quando se traduz uma dessas estratégias (para dominar o mundo), eles mudam tudo, surgem novas estratégias e, assim, língua e negócios se ramificam impedindo de serem detectadas pela tradução Ocidental. Curioso que já houve críticos literários que falaram disso, mas, claro, a respeito do poema. Esse raciocínio até nos leva a pensar que a poesia é um mandarim no nosso próprio idioma (acho que vou dizer isso no dis-

41 *O Povo*, Fortaleza, 20 nov. 2011. Vida & arte Cultura, p. 7

42 **Eduardo Jorge** é autor de *San Pedro* (2004); *Espaçaria* (2007); *Caderno do estudante de luz* (2008).

curso do Prêmio Horácio Dídimo, tem um efeito). Porém, continuando o resumo das minhas dúvidas, utilizei apenas dois caracteres chineses para compor a paisagem japonesa artificial. A interpretação mais recorrente era a de um jardim japonês que já nasce em ruínas.

O meu mestre Cheng achou a imagem pouco convencional. A sua erudição na Cultura Oriental abrange a nipônica e, pelo que me disse, a tradição em construir paisagens artificiais, como um jardim, é rigorosa. Cheng foi categórico: um jardim japonês não nasce em ruínas. Acatei com respeito a sentença do mestre e dias depois de escrever o poema disse a ele que mesmo em ruínas, poderia nomear o jardim para marcar nesta ruína uma ascese: "bom jardim", por exemplo. No entanto, não sei por qual motivo o poema seguiu sem título. Assim, mesmo com esses problemas, o poema foi o grande vencedor do Prêmio. A segunda alegria é ver que colegas cujos trabalhos tanto admiro também foram laureados. O segundo lugar foi para a poesia mímica de Aristides Ribeiro, que escreveu seu poema com gestos, ao modo do clássico personagem Panurge, de François Rabelais. O terceiro lugar, quem diria, foi justamente para Souzosareta Geijutsuka, que além de artista plástico é um exímio haicaísta e já foi iniciado no mandarim. Após ser agraciado com o prêmio, outra boa notícia: pelo que soube, em breve, sairá uma antologia, cujo título temporário é: *A muralha em um grão de arroz*. Acredito que em breve ela estará a venda nas melhores livrarias.